



PEREIRA, Willian Cesar Castilho. **Os sete pecados capitais à luz da psicanálise**. Petrópolis: Vozes, 2021. ISBN 978-65-5713-018-6.

Edmar Avelar de Sena*

Lançado recentemente pela editora Vozes, mais uma instigante obra do professor e psicólogo Willian Cesar Castilho Pereira. Primeiramente, é preciso dizer que esse autor tem um estilo muito peculiar: trata assuntos complexos de forma didática, fluente e de agradável leitura. Ademais, a obra recém-lançada, que aqui apresento, indica certa ousadia que só a maestria e a experiência podem fazer equilibrar e, sob esta harmonia, pôde colocar num só texto questões oriundas de três ordens: 1) relativa à tradição cristã, no caso em espécie o pecado; 2) relativa à doença mental, que aborda a ordem médica de outrora que estigmatizou a loucura; e 3) referente ao sofrimento psíquico, analisado sob a ótica da psicanálise que evocou a fantasia ao invés do trauma como a natureza das características neuróticas.

Quando os sujeitos não possuem meios afetivos e adequados e estratégias de enfrentamento de organização, acabam não somente **ardendo (apaixonando-se)**, mas **queimando-se (enlouquecendo)**. Nesse caso, produzem sintomas: *Pecado? Doença mental? Sofrimento psíquico?* (PEREIRA, 2021, p. 65, grifos do autor).

Zeloso com os termos, o autor situa bem a semântica que envolve a palavra pecado: tropeçar. O que designa o sentido de cair, na expressão popular “caiu em pecado”. Já por doença mental, Willian Castilho frisa bem como a ordem médica, assim como Foucault, foi o lugar da não-palavra. Por sofrimento psíquico, demonstra o autor que é a situação na qual as forças psíquicas se exaurem, é um efeito cumulativo e silencioso e tem a ver com a demanda por amor.

Resenha recebida em 25 de abril de 2021 e aprovada em 19 de julho de 2021.

* Doutor em Ciência da Religião pela UFJF. Professor da PUC Minas. País de origem: Brasil. E-mail: edmarsena.mg@gmail.com

Para muitos, e desavisados, tal empreendimento pode parecer inconciliável, mas aqui temo-lo, concretizado. Um edifício erguido sob o ponto arquimédico da rica trajetória de seu engenheiro, que transita no campo da psicologia social e da análise institucional. Uma envergadura como esta não poderia deixar a desejar em nenhuma das partes de sua estrutura, daí temos de entrada o prefácio feito por Maria Rita Kehl que alerta sobre o pecar e gozar. Daí ressaltam, a apresentadora e o autor, o sentimento desse inconciliável, mas inseparável binômio que é bem expresso pela cultura popular: “tudo que é gostoso, ou faz mal ou é pecado”; e posso acrescentar que, em última análise, engorda!

O tema dos sete pecados remonta ao mesmo tempo à tradição cristã e às dimensões humanas elementares, pois trata-se do comer, da sexualidade, do reter, do desejo pelo que é alheio, do corpo e do ócio. Tudo isso é parte dos afetos, dos sintomas e das dinâmicas pulsionais. A esses sete grandes modos de desassossego, a teologia tomista denominou “vícios” ou “pecados”. Uma viagem pela história moral religiosa, especificamente a cristã católica, nos leva à origem da concepção de tal abordagem teológica. Os vícios, assim entendidos como inclinações humanas para o prazer, foram durante a história, atitudes que precisam de alguma coerção e redirecionamento, são: vaidade, avareza, inveja, ira, luxúria, gula, acídia (preguiça). Vão do narcisismo à ordem do social. Vício é natureza, enquanto coerção e o comedimento são redirecionamentos à cultura. Já no campo da psicanálise, Freud nunca descuidou da cultura e descreve, desde Totem e Tabu, a origem da civilização como recalçamento das pulsões, o que está na gênese das neuroses, portanto uma doença da cultura.

É lógico, também, que, em todo tempo e lugar, os seres humanos sentiram o peso da cultura e da civilização que se constituíram para solucionar suas angustias intrapsíquicas, sociais, econômicas, tecnológicas. A título de exemplo, Freud menciona, em seu artigo publicado em 1908, “A moral sexual cultural e o nervosismo moderno”, a relação inversa que existe entre a moderna civilização e o livre-desenvolvimento da afetividade humana. (PEREIRA, 2021, p. 54).

Embora o tema seja conhecido pela teologia cristã, é a psicanálise que formulou a teoria do recalque, amparada pela revolução de seu fundador que ao demonstrar a existência do inconsciente, esse lugar topograficamente intangível

que tornara para Freud o armazém daquelas proibidas delícias. Tudo aquilo que não pode se manter vivo na consciência, mantém-se latente no inconsciente. Assim, regrado e domesticado, e porque não cristianizado, Eros deu lugar a civilização, esta por sua vez pretende educar os desejos, nutre-se desta ilusão, que no fundo pretende realizar uma economia do desejo, uma educação das vontades e dar o destino moral a pulsão.

Não à revelia das concepções que englobam a moral religiosa, o autor preferiu iniciar e abordar já no primeiro capítulo a temática do pecado e do sofrimento psíquico, seguindo daí em diante um capítulo para cada um dos sete pecados, Vaidade, Luxúria, Avareza, Ira, Inveja, Gula e Preguiça e por fim, o último capítulo retoma o simbolismo do confessionário e do divã. E, como estes tempos hodiernos em que vivemos, a epistemologia neoliberal se consolidou como sistema e como visão de mundo, estes lugares, o confessionário e divã, vão sendo revisitados por aqueles que sentem culpa e medo, culpa por ter gozado e medo de desejar. Não à toa Jung vislumbrou uma libido dessexualizada e, mesmo sendo protestante, viu no confessionário católico um importante meio para a saída do porão da culpa. Entretanto, a libido é a pulsão própria do ser humano, invade todas as suas relações, inclusive com o sagrado, “trata-se da sedução do sagrado. O sagrado é o desejo do outro ser” (PEREIRA, 2021, p. 105).

Em que consiste cada um destes sete pecados, qual a relação deles na construção da subjetividade do sujeito contemporâneo? Eis a questão norteadora de todo texto, eis o questionamento que o leitor encontrará em sua leitura, eis a chave para aqueles que abrirão este livro.

E estão mais relacionados do que se pensa, pecado e doença mental:

Ressalte-se que nem sempre a doença mental fez parte do rol de “objetos” de estudo e atuação da medicina e, talvez, possam ser encontradas as raízes de sua vinculação ao pecado e à culpa. [...] em épocas passadas, os transtornos mentais eram associados ao ocultismo e às manifestações demoníacas – assim como a própria medicina com a feitiçaria. (PEREIRA, 2021, p. 38).

Os sete pecados fazem parte das paixões humanas, manifestam e escondem aspectos do comportamento, são da ordem do desejo que falam, porque tudo que é proibido é desejado.

Dos sete pecados, assim como são sete os sacramentos e sete também são os dons do Espírito Santo, quatro deles dizem respeito ao desejo de possuir: Luxúria, Avareza, Gula e Inveja. Na Luxúria tem-se a busca incessante pelo erotismo, pelo gozo e não pelo amor; a Avareza por sua vez é acúmulo, tão em voga na sociedade neoliberal, ter sempre mais e ao mesmo tempo realizar-se na economia dos afetos, Freud identificava a relação entre o dinheiro e as fezes; a Gula demonstra a voracidade no comer, os tempos hipermodernos revelam a obesidade e todas as patologias relacionadas ao que se come e como se come, bulimia, anorexia, etc; a Inveja, por fim, deseja o que é do outro e o que é o outro. Estes quatro pecados trazem a demanda por possuir, acumular, tomar posse.

A psicanálise analisou o fenômeno da afetividade enquanto transfiguração sexual em favor da civilização e da cultura, tomando a sexualidade humana pela via da sublimação, afirmando que “não é para quem quer, mas para quem pode”. Para a psicanálise, o corpo é uma gramática de significados além do biológico, um conjunto de símbolos que diz algo: corpo-palavra. (PEREIRA, 2021, p. 105).

Os outros três pecados deste rol, a Preguiça, Ira e Vaidade, sugerem as frustrações e o enfraquecimento do Eu. A Vaidade é sustentada pela fraqueza que alimenta o ideal de Narciso que morre no movimento para dentro de si; a Ira remete ao imediato, ao estresse causado pelas decepções e falta de realização, irritabilidade até às vísceras, algo comumente conhecido nos dias de hoje nos diagnósticos de Síndrome do Intestino Irritável (SII); a Preguiça evoca a moralidade, mas denota também o desânimo e o esvaziamento, medo de fazer e errar, medo de tentar, é o procrastinar, ou seja, o ideal de uma perfeição que o sujeito mesmo garante que nunca irá atingir, a ideia comum é de que o deprimido é preguiçoso, negligenciam-se assim a doença em nome de uma crítica moral ao que não produz.

Ao abordar cada um dos sete pecados, o autor vai tocando em temas importantes à medida que eles se ligam a um destes pecados. Temas como perversão, pedofilia, efebofilia, a pornografia, dentre outros, todos

fundamentados e abordados sob a teoria psicanalítica. Além disso, no capítulo específico que trata do tema “confessionário e consultório” o autor convida especialistas de diversas áreas, religiosos, médicos e professores para que a partir de suas experiências possam falar da dinâmica que envolvem estes espaços de escuta.

O pecado associado ou não ao confessionário, sempre existiu. Ora revestido de *totem* em forma de *tabu*, na cena mítica do assassinato do pai pelos filhos da horda primitiva, na figura do mal, do demônio, de mancha, de desordem, desrazão, transgressão, ora como traço de sentimento neurótico de culpa. Essa presença, contudo, se reveste de tonalidades diferentes, de acordo com as respectivas religiosidades e tempos socioeconômicos. Há períodos e contextos culturais em que o pecado se apresenta como realidade premente e atemorizadora. (PEREIRA, 2021, p. 261).

E aqui temos na obra um diálogo, assim como dialogal sempre foi a atuação do professor Willian, que caminha para mostrar ao leitor, como em diversas áreas é possível abordar e buscar esvaziar a dor existencial próprias deste ser desejante e fantasiástico.

A obra em apreço, portanto, é uma iniciativa valiosa que agrupa temáticas sobre o cerne da pessoa humana. Se apresenta como uma via que provoca a reflexão sobre as dimensões mais fundamentais: amor, afeto, prazer e gozo. Em sua totalidade, a obra é um convite a uma leitura agradável e inteligente, na qual o leitor encontrará traços de historicidade e rigor conceitual e metodológico no que tange à teoria psicanalítica. É magistral. Novamente, externo meus cumprimentos ao autor, mestre e guia nestas paragens do existir.